



RESENHA

COMO INTERNACIONALIZAR A UNIVERSIDADE?:

movimentos da/na internacionalização da educação superior em perspectiva

Julian Silveira Diogo de Ávila Fontoura¹

Título da obra: Guia para a Internacionalização Universitária

Organizadora: Marília Costa Morosini

Autores: Adriana Justin Cerveira Kampff, Alexandre Anselmo Guilherme, Carla Camargo Cassol da Silva, Caroline Baranzeli, Cibele Cheron, Cláudia Grabinski, Egeslaine de Nez, Fabiane Aparecida Santos Clemente, Letícia Bastos Nunes, Lucas Gonçalves Abad, Marilene Gabriel Dalla Corte, Marília Costa Morosini, Maristela Pedrini, Simone da Rosa Messina Gomez, Vanessa Gabrielle Woicolesco e Zoraia Aguiar Bittencourt.

Edição: 1

Editora: EDIPUCRS

Cidade: Porto Alegre

Ano: 2019

Número de páginas: 265

A obra *Guia para a Internacionalização Universitária* (GIU) foi publicada no ano de 2019, pela Editora Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EdiPUCRS), situada em Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo apresentar formas/possibilidades de se *pensar* a internacionalização da Educação Superior sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, para além da sua relação com a mobilidade acadêmica e sim a sua efetiva implantação no contexto das transformações do cenário educativo global.

Organizado pela Prof^{fa} Dr^a Marília Costa Morosini, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, professora titular da Faculdade de Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FACED/PUCRS). Com formação no campo das Ciências Sociais, Mestrado em Sociologia Educacional e Doutorado em Educação, a pesquisadora tem se



dedicado aos estudos vinculados ao campo da Educação Superior com investigações centradas nos temas *Internacionalização da Educação Superior, Qualidade da Educação, Políticas Educacionais e Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais*. As seções do GIU contam com a colaboração de pesquisadores integrantes do Centro de Estudos em Educação Superior (CEES/PUCRS) e da Rede Sulbrasileira de Investigadores da Educação Superior (RIES), associações acadêmicas coordenadas pela organizadora da obra.

Estão presentes as contribuições dos pesquisadores Prof.^a Dr.^a Adriana Justin Cerveira Kampff, Prof. Dr.^o Alexandre Anselmo Guilherme e Prof.^a Dr.^a Cibele Cheron da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Prof.^a Dr.^a Egeslaine de Nez da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Prof.^a Dr.^a Fabiane Aparecida Santos Clemente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Prof.^a Dr.^a Marilene Gabriel Dalla Corte da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Prof.^a Dr.^a Maristela Pedrini da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Prof.^a Dr.^a Zoraia Aguiar Bittencourt da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); e a Prof.^a Dr.^a Caroline Baranzeli do Colégio Marista Rosário.

Contando ainda com Dr.^a Carla Camargo Cassol da Silva, coordenadora executiva do escritório internacional na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Me.^a Cláudia Grabinski, Técnica-Administrativa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Dr.^a Letícia Bastos Nunes do Colégio Marista Rosário; Dr.^o Lucas Gonçalves Abad, Técnico-Administrativo em Educação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Dr.^a Simone da Rosa Messina Gomez, Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Dr.^a Vanessa Gabrielle Woicolesco, Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Ao longo das suas 265 (duzentas e sessenta e cinco) páginas, o GIU nos apresenta um interessante panorama dos movimentos institucionais presentes junto aos processos de internacionalização da Educação Superior, de forma a subscrever possibilidades/alternativas de implementação do processo em distintas arquiteturas institucionais. A noção de internacionalização presente no GIU se mostra a partir dos eixos que o estruturam, evidenciando assim o esforço teórico da organizadora e de seus colaboradores em sistematizar diferentes perspectivas de definição da internacionalização, indicar os movimentos institucionais para a sua efetivação (seja por razões políticas, econômicas, culturais e/ou acadêmicas) e ainda apontar estratégias utilizadas para a operacionalização de uma política institucional de internacionalização.

O primeiro eixo, **Internacionalização Integral** conhecida também como Internacionalização *comprehensive*, evidencia a noção de internacionalização da Educação Superior através de um compromisso estabelecido entre as Instituições de Educação Superior (IES) e as dimensões indissociáveis do ensino, da pesquisa e da extensão, vinculando-a perspectivas internacionais e comparadas, delineando o “*ethos* e os valores institucionais da educação superior em sua totalidade” (p. 21).

Nesse sentido, o GIU explora essa noção considerando alguns elementos como a mobilidade acadêmica de estudantes e professores na construção de redes de colaboração entre as IES, Centros de Pesquisas e acordos bilaterais; programas acadêmicos de ensino, onde *campi* são entrepostos para além do país de origem da IES com o incremento de filiais e operações de franquias e polos de educação;

e a criação de parcerias de IES internacionais conjuntas na criação de novas instituições e/ou programas acadêmicos, em outras palavras, IES independentes licenciadas em outro país por uma mantenedora.

Para tanto, se utiliza de construções do campo teórico e prático que evidenciam *Estratégias para um Modelo Integral de Internacionalização* (p. 31) que consideram os movimentos locais e globais de aceleração da expansão da Educação Superior, a incorporação das *Competências Interculturais* (p. 49) no ajuizamento da diversificação da educação superior, e um olhar atendo a *Gestão Universitária* (p. 67) frente a reestruturação da Educação Superior sob o olhar da globalização com foco na qualidade dos serviços educacionais prestados pelas IES.

Já no segundo eixo do GIU, há um importante e necessário debate sobre a **Internacionalização do Currículo** centrada sobre visão atenta da instrumentalização dos sujeitos sob uma perspectiva internacional, intercultural e global frente aos conteúdos curriculares como sendo uma medida imperativa do processo institucional de internacionalização da Educação Superior, considerando ainda a forma “como as pessoas aprendem e as atitudes que elas trazem para os resultados de aprendizagem” (p. 88).

Ao longo deste eixo, fica evidente como o GIU demarca a necessidade de se pensar um currículo internacionalizado que considere diferentes aspectos do serviço educacional de forma inclusiva, destacando as atividades e experiências planejadas para o desenvolvimento dos estudantes; serviços que não estão presentes no currículo formal, mas podem ser apreendidos pelos estudantes como elemento de apoio aos aprendizados; e ainda aspectos não-intencionais e implícitos potencialmente presentes nos planos de ensino-aprendizagem, nos conteúdos e nos resultados de aprendizagem, desdobrando-se ainda na criação de uma cultura de internacionalização institucional.

No cenário da internacionalização da Educação Superior, as reflexões sobre o currículo consideram a relação entre o currículo formal, informal e o oculto junto a uma *Proposta de Internacionalização do Currículo* (p. 85) arrolada a interação entre culturas ou aspectos culturais, não devendo ser “um fim em si, mas uma estratégia que apoiará os alunos a tornarem-se mais conscientes da sua própria cultura e de outras culturas também” (p. 90). Da mesma forma que a dimensão do currículo se mostra na constituição de *Redes de Pesquisa* científicas (p. 103) e no cenário de mudanças no mundo acadêmico e das novas e emergentes formas de produção do conhecimento.

Essa perspectiva além de refletir junto a qualidade do serviço educacional, se desenrola nas *Competências para a Formação Docente* (p. 115) frente a internacionalização da Educação Superior como valor, experiência e visão de mundo. Assim, estas “novas” competências devem ser orientadas pelos princípios de integração universitária, ampliação da formação prática, o incremento da avaliação por competências alinhadas a visão reflexiva do ensino para que através da reflexão sobre a ação, sem desconsiderar o elemento da inovação junto às práticas pedagógicas.

Encerrando o eixo da Internacionalização do Currículo o GIU explora a *Institucionalização de uma Política Linguística para Internacionalização* (p. 131), em nível de extensão, atreladas às demandas dos estudantes nas diferentes IES na sua relação com um efetivo trabalho pedagógico. Este olhar sustenta-se em uma perspectiva de internacionalização que opera frente a um “contexto universitário globalizado e multilíngue, potente na ampliação do processo de interculturalidade e interlocução local

e global” (p. 132), onde os diferentes idiomas tornam-se uma base fundante para se pensar processos de internacionalização no interior das IES.

O terceiro eixo do GIU *Internacionalização, Cooperação e Mobilidade*, foca seus esforços na compreensão do que a organizadora da obra e seus colaboradores entendem por *Internacionalização Crossborder* ou *Transfronteiriça*. Esta dimensão da internacionalização da Educação Superior se constitui como uma importante estratégia institucional, pois ancora-se na ideia dos “fluxos possíveis de cooperação acadêmica pela mobilidade” (p. 26). Estes fluxos têm por objetivo a qualificação dos quadros institucionais, seja pela mobilidade de estudantes, professores ou mesmo técnicos da IES. A mobilidade dentro da *Internacionalização Crossborder* se mostra como um conjunto de processos que envolvem o deslocamento físico pelas comunidades acadêmicas, seja *out* (saída de pessoas) ou *in* (receber pessoas), para além das fronteiras do país.

Destaco aqui nesta seção, a forma como o GIU nos apresenta um alargamento do conceito de *mobilidade acadêmica*, para além do fluxo de pessoas, acrescentando o deslocamento de programas, provedores e ainda polos educacionais. A *Internacionalização Crossborder* deixa de ser um referencial de cooperação entre as IES e passa a ser um elemento imbricado ao seu desenvolvimento, onde atualmente acaba por adotar uma abordagem comercial e competitiva. Dessa forma evidencia-se ainda o movimento de qualificação de redes de intercâmbio, por parte das IES, e conseqüentemente de pesquisas com instituições internacionais, refletindo a importância do *engagement* estudantil.

Assim, a discussão neste eixo centra-se na necessidade de implementação de redes institucionais, desdobradas em *Fluxos de Cooperação Acadêmica para a Internacionalização* (p. 151), a partir do esforço entre instituições e países em auxiliar a Educação Superior a responder às exigências presentes em uma sociedade globalizada, considerando questões econômicas, alinhadas às demandas do mundo do trabalho. Da mesma forma que coloca o holofote na *Mobilidade Acadêmica e ‘Engagement’ Estudantil* (p. 167), como sendo não a única, mas a principal forma de internacionalização da ciência brasileira de forma a possibilitar uma verdadeira imersão em “ambientes de alta intensidade de conhecimento, que favoreçam a atualização e incorporação de saberes, que estimulem a produtividade, a troca de ideias, as parcerias científicas” (p. 169).

Finalizando o GIU encontramos no quarto eixo alguns elementos que integram os estudos da *Internacionalização em Casa*, como uma nova forma emergente de se pensar *movimentos de internacionalização* nas/das IES. A *internacionalização em Casa* relaciona-se diretamente com a *cooperação e a mobilidade acadêmica* através da dimensão do *currículo* como estratégia de viabilização da internacionalização, a partir de uma “integração intencional de dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem doméstico” (p. 189).

Em função das profundas transformações na Educação Superior emergentes das demandas e dos desafios da tessitura social na contemporaneidade, a internacionalização em casa se mostra como uma possibilidade efetiva de qualificação das IES, dos professores, pesquisadores e estudantes. Fica muito presente no texto o quanto o contexto brasileiro é profícuo para esta “modalidade” de internacionalização, já que articula processos que relaciona Matrizes Curriculares Cognitivas e socioemocionais nos cursos superiores das IES, incluindo ainda os processos de ensino-aprendizagem, as atividades extracurriculares e as relações com grupos étnicos e culturais. A ênfase no “em casa”,

destaca o local (o campus) como um elemento que opera como uma válvula de controle na ênfase crescente na mobilidade internacional.

O GIU desenvolve a discussão da internacionalização em cada a partir de um *Modelo de Internacionalização em Casa* (p. 187) considerando a diversidade de arquiteturas acadêmicas/institucionais, sua operacionalização como uma ferramenta e não um objetivo a ser alcançado, sua funcionalidade distinta em disciplinas e programas, seu necessário vínculo com aspectos do contexto local, internacional e práticas culturais integrada a um currículo obrigatório e seu olhar para a mobilidade como sendo opcional e não uma segunda opção para estudantes não móveis.

As *Competências Cognitivas e Socioemocionais: Possibilidades Estratégicas de Internacionalização* (p. 203) exploradas a partir das finalidades individuais e sociais da educação, no contexto do currículo e da avaliação das aprendizagens, com foco no cognitivo relacionado a operações mentais complexas para a resolução de problemas e o sociemocional na capacidade de o indivíduo saber lidar consigo mesmo, com os outros e, ainda, realizar tarefas de forma competente e ética (p. 210).

As *Aprendizagem Baseada em Experiência para a Internacionalização* (p. 221), discute a metodologia *Problem Basic Learning e Experience-Based Learning*, ou aprendizagem por experiência, na sua potência enquanto elemento difusor junto aos processos de ensino-aprendizagem e ainda de aproveitamento como impacto à internacionalização. As tecnologias de comunicação e informação se mostram a partir das *Interfaces da Educação a Distância na Internacionalização em Casa* (p. 239), centrando o debate nas redes on-line enquanto possibilidade na promoção da interculturalidade e da internacionalização.

Na organização do GIU fica evidente a forma como as referências teóricas que balizam os debates e as discussões ao longo da obra dialogam com os principais referenciais do campo de estudo em suas diferentes dimensões como Jane Knigth na exploração de conceitos; Philip Altbach e Hans de Wit em suas provocações sobre tensões entre o local e o global frente aos movimentos da internacionalização universitária; Betty Leask nas discussões sobre o papel do currículo atrelado ao sucesso ou fracasso da agenda de internacionalização; Silvia Lucía Spaggiari Gutiérrez, Julio César Mejía Quevedo e Jesús Sebastián em suas contribuições sobre o impacto da cooperação e da mobilidade acadêmica frente à Educação Superior; Jos Belen e Bengt Nilsson explorando novas formas de se pensar os processos de internacionalização da educação em uma perspectiva global, valorizando o local/regional; entre outros autores que subsidiam as perspectivas de internacionalização que transversalizam a produção deste guia.

O GIU se apresenta de forma importante e relevante contribuição para o campo de estudos da Educação Superior por agregar em si um conjunto de questões que marcam o nosso tempo e que problematizam diretamente a missão e a função da educação universitária. Nesse sentido o GIU acaba explorando possibilidades efetivas de internacionalização da Educação Superior frente aos desafios impostos à sua implantação nas IES para além do que já conhecemos nos programas de pós-graduação. Fica evidente a partir da leitura do guia a crítica estabelecida ao modelo de Educação Superior hegemônico e conseqüentemente o enfoque dado a mobilidade acadêmica como sendo a única possibilidade real de internacionalização da Educação Superior.

Assim, acaba por considerar a importância do âmbito político (tanto interno e externo, quanto micro e macro) na consecução de um processo de internacionalização holístico, pautado sob a perspectiva da inclusão e da interculturalidade onde os valores institucionais afetam a Educação Superior em sua totalidade como um imperativo institucional e não uma mera possibilidade na busca de uma cidadania global, que reconheça a relevância da educação para a compreensão e a resolução de questões globais em suas dimensões sociais, políticas, culturais, econômicas e ambientais.

Esta obra reúne um interessante arcabouço teórico-metodológico sobre *os sentidos e os significados* da internacionalização no atual cenário de transformações da Educação Superior, destinando-se não apenas para professores e pesquisadores do campo da Educação Superior, pelo contrário, estudantes e gestores estão convidados a leitura do GIU a partir de um olhar atento a “bases materiais e institucionais consolidadas, procurando responder aos desafios sociais do nosso tempo” (p. 32), onde a internacionalização se ajuíza a missão da educação universitária na sua capacidade de mobilizar saberes, conhecimentos, valores, pessoas e especialmente as instituições.

Por fim essa obra se mostra como um importante instrumental para se pensar modos, formas e práticas de internacionalização da educação superior no contexto das IES brasileiras especialmente, já que apresenta uma série fatores, aspectos e condições à apreensão de práticas de internacionalização alinhadas não apenas a uma perspectiva internacional, mas sim a um projeto institucional que reconhece a importância do local e do global como elemento constitutivo da formação dos sujeitos, ressaltando ainda a importância da Educação Superior enquanto um bem público e um direito humano e social.

Palavras-chave: Internacionalização, Educação Superior, Suporte Institucional.

Recebida em: 15 de fevereiro de 2023.

Aprovada em: 31 de março de 2023.

Link/DOI: 10.30681/rep.v14i1.10870

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 2021), Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação (DEE/FACED). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7808693167946729>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8507-6538>

E-mail: julian.fontoura@ufrgs.br